



MATOS, Odilon Nogueira de. A PUC e os Simpósios de História (Final). Correio Popular, Campinas, 05 dez. 1975.

A PUC e os Simpósios de História (Final)

Odilon Nogueira de MATOS

Correio Popular 5.12.75

Duas das mais expressivas figuras da cultura campineira — Lycurgo de Castro Santos Filho, médico e historiador, presidente da Academia Campinense de Letras e Hilton Federici, professor e historiador, também membro da Academia Campinense — participaram do sétimo simpósio de professores universitários de História, realizado em Belo Horizonte, em setembro de 1973. Ambos, na ocasião, integravam o corpo docente da nossa PUC; aliás, Hilton Federici ainda o integra, embora, no momento, se encontra licenciado.

Lycurgo de Castro Santos Filho — sabem-no todos — é a maior autoridade brasileira em história da medicina. O livro que publicou há trinta anos, e que está sendo revisto e atualizado para uma nova edição, tornou-se clássico e, com efeito, é o que de melhor se escreveu em nosso país, sobre o assunto. Todavia, apesar dessa sua especialidade, o preclaro presidente da Campinense tem se dedicado igualmente à história da arte e à história da cultura, matérias que lecionou, com brilho e proficiência, em nossa Universidade Católica, bem como a história social do Brasil, em cujo área elaborou um dos mais belos trabalhos já levados a efeito entre nós — “Uma comunidade rural do Brasil antigo” — que não me canso de admirar e de recomendar aos meus estudantes como exemplo modelar de um trabalho de pesquisa. Se, nos dois simpósios anteriores (Campinas e Goiânia), Lycurgo de Castro Santos Filho compareceu com trabalhos de interesse para a história da medicina, ao de Belo Horizonte compareceu com precioso subsídios à margem do tema principal de sua “Comunidade rural”. O arrolamento do documentário, que se encontra em seu poder, relativo ao Sobrado do Brejo do Campo Seco, no interior da Bahia. Documentário, esse, a que não teve acesso nenhum dos pesquisadores que anteriormente trataram do assunto (e foram vários autores baianos) e que só foi utilizado para o seu próprio ensaio, publicado em 1956 (coleção “Brasília”, formato gigante) e no qual estudou, com maestria, aspectos da vida patriarcal no sertão da Bahia, nos séculos XVIII e XI.

Hilton Federici é cruzeirense. Embora tendo deixado sua cidade ainda muito jovem, para estudos em Lorena e em São Paulo, e, depois, já na vida profissional, tenha perambulado por duas ou três localidades antes de fixar-se em Campinas, onde reside há um quarto de século, tendo aqui se aposentado com professor de nosso tradicional “Culto à Ciência — apesar de tudo isso, Hilton Federici nunca perdeu contacto com a sua Cruzeiro, da qual se tornou o historiador por experiência. Lembro-me de quando ainda estudante (pois fomos colegas na Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo), lá por 1936 ou 37, já havia ele publicado dois ou três opúsculos sobre a história de sua cidade. O desenraizamento profissional, a que foi obrigado, não o fez abandonar suas pesquisas da mocidade. Estava, apenas, à espera de uma

oportunidade para levá-las avante, o que só aconteceu quando se desobrigou do ensino médio, que, como de comum acontece absorvia-lhe todo o tempo. Ao usufruir, merecidamente, o “otium cum dignitate”, que a aposentadoria lhe concedeu, começou a rever suas velhas pesquisas, “retirando do baú” muita coisa preciosa já esboçada, mas que só agora está podendo concluir e publicar. Enquanto isso, atirava-se a novas pesquisas com relação a Campinas, cidade que adotou como sua. Não sei de nenhum campineiro, autêntico, que seja mais apaixonado por Campinas do que esse cruzeirense que um dia aqui ancorou e daqui nunca mais quis sair, embora não lhe faltasse a tentação das cidades maiores. A “História de Campinas”, de que publicou o primeiro volume (em colaboração com Antônio Christofoletti), anunciando, para breve, o segundo, e mais três ou quatro monografias pequenas, mas valiosas, que editou sobre Cruzeiro, revelam o pesquisador honesto, integrado na mais moderna metodologia, fugindo mais possível ao ranço que, lamentavelmente, e com raras exceções, caracteriza ainda a historiografia urbana em muitas partes do Brasil. As monografias de Hilton Federici são modelos de clareza (não fora ele o excelente professor que todos reconhecem), mas também de método. Ao Simpósio de Belo Horizonte apresentou o trabalho “Cruzeiro, exemplo original de urbanização no vale do Paraíba”. Aliás, a tônica principal dos trabalhos do preclaro professor e historiador tem sido, sempre, mostrar Cruzeiro como uma exceção no vale do Paraíba. Um de seus trabalhos, estampado na conceituada “Revista de História” tem precisamente esse título.

É com o maior prazer, pois, que registro a participação dos dois prezados colegas de Campinas na época também professores da Universidade Católica, na importante reunião de Belo Horizonte, cujos anais acolheram suas valiosas contribuições, nos volumes segundo e primeiro, respectivamente.

Por fim, devo recordar a participação de nossa PUC no último simpósio da ANPUH, realizado em setembro último, em Aracaju. Foi com ele que iniciei esta longa série, que ocupou mais espaço do que imaginava. Mas creio necessário, registrar estas coisas, para a posteridade. Fechando o ciclo, relembrei que para o VIII Simpósio foi preparado, igualmente, um número especial da “Notícia Bibliográfica”, constituído de uma seleção de páginas de autores sergipanos, de interesse para a historiografia brasileira: Tobias Barreto, Silvio Romero, Feliberto Freire, João Ribeiro, Manuel Bonfim, Bernardino José de Sousa e Gilberto Amado. Algumas cartas que recebi de colegas sergipanos, pois, como já informei, não me foi possível comparecer à importante reunião, foram bastante encomiásticas, traduzindo louvores, que não tomo para mim, mas para a instituição que me permitiu preparar tal trabalho, a nossa Universidade Católica. Ainda mais que, tal como no caso de Belo Horizonte, o n. 69 da “Notícia” era portador de expressiva mensagem de nosso Reitor. Desta vez procurei sanar as lacunas apontadas em o número anterior, escrevendo não apenas uma introdução, mas pequenos comentários a cada um dos autores selecionados. A registrar-se, como peça principal do fascículo, o famoso “Discurso em mangas de camisa” de Tobias Barreto, obra muito citada, mas, na reali-

777.8.F.8.1.67

MATOS, Odilon Nogueira de. A PUC e os Simpósios de História (Final). Conselho Popular, Campinas, 05 dez. 1975.

Plano nacional e orgão de divulgação das fronteiras

dade pouco lida, e que foi transcrita na íntegra, com exclusão apenas das notas complementares que o próprio autor após a primeira edição, em 1879. As demais páginas apresentam a maior diversidade, desde um historiador paulista do século XVIII, até a revolução de 1817, a função do carro de boi no Brasil ou as instituições política e o meio social brasileiro.

Excusas por me haver alongado tanto nesta série, que deveria comportar no máximo três ou quatro artigos, e acabou comportando uma dezena. Julgo necessário, re-

(Conclusão da 4a. pág.)
pito, documentar aquilo que, um dia, nossa Universidade Católica fez, nessa sua modesta, mas valiosa participação nos vários simpósios de professores universitários de História, já realizados no Brasil. Outros ainda virão e, se a

Providência nos favorecer, deles a PUC participará. O próximo deverá realizar-se daqui a dois anos em Florianópolis, e creio já ter tempo de ir pensando no número especial da "Notícia" que os colegas catarinenses logo começarão a reclamar...